

Cultura visual e religião em diálogo com intersemiótica para uma metodologia de análise interpretativa para o campo das ciências das religiões na obra *Xenogenesis* de Octavia Estelle Butler

Visual culture and religion in dialogue with intersemiotics for a methodology of interpretative analysis for the field of religion sciences in *Xenogenesis* by Octavia Estelle Butler

Suelma Souza Moraes
*Francisca Raquel Queiroz Alves Rocha*²

RESUMO

Este trabalho contribui para a abordagem da "Cultura Visual e Religião", ao ampliar as discussões epistemológicas da linguagem no campo da área das Ciências das Religiões, a partir, do diálogo da intersemiótica, cuja hermenêutica crítica privilegia esta preocupação com o ato de narrar, as formas e modalidades dispersas do jogo de narrar, que coloca a prova a capacidade de seleção e de organização da própria linguagem, a procura de um caminho que nos conduza a compreender a identidade, características, escolhas e aproximações da Lilith negra-híbrida de Octavia Estelle Butler e sua homônima judaico-cristã, existentes na trilogia de ficção científica distópica *Xenogenesis* presentes na cultura visual marcada pela religião.

Palavras-chave: Intersemiótica, Religião, Cultura Visual, Distopia

ABSTRACT

This work contributes to the "Visual Culture and Religion" approach by broadening the epistemological discussions of language in the field of the Sciences of Religions, starting from the dialogue of the intersemiotic, whose critical hermeneutics privileges this concern with the act of narrating, the dispersed forms and modalities of the narration game, which proves the ability to select and organize the language itself, the search for a path that leads us to understand the identity, characteristics, choices and approximations of Octavia's black-hybrid Lilith Estelle Butler and his Judeo-Christian namesake, exist in the *Xenogenesis* dystopian science fiction trilogy present in the visual culture marked by religion.

Keywords: Intersemiotic, Religion, Visual Culture, Dystopia

¹ Doutora em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo – Umesp, e Professora Adjunta do Programa de Pós-graduação em Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba – UFPB. Contato: suelmamoraes@gmail.com.

² Mestra em Ciências das Religiões pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB. Contato: franciscaraquel29@hotmail.com. Artigo recebido em 08/05/2018 e aprovado em 22/10/2018.

Introdução

A discussão sobre a cultura visual é colocada em questão para identificar a característica principal do ato de fazer a narração. De que maneira esta arte de interpretar um sonho, uma lei, um mito, um texto pode, dentro dele mesmo, responder a um contexto dado e responder a questões radicais, vivas num outro tempo. Até mesmo, de como a partir de contextos dados podemos observar a distopia pertencente a ontologias hermenêuticas e ideologias ou exegeses históricas. Porém, associada à intersemiótica teremos um discurso que adquire uma tripla autonomia semântica.

É desta maneira que, por meio do ato de narrar na cultura visual, ela traz a intenção do locutor, à recepção por ouvintes primitivos, concomitantemente as questões econômicas, sociais, culturais como produto do meio. Sob esta perspectiva, a subjetividade do leitor não apenas advém dela mesma, mas da dimensão em que ela se encontra suspensa, irrealizada, potencializada. A leitura introduz dentro das próprias variações imaginativas do ego.³Sob esta premissa, a hermenêutica crítica nos impulsiona, incomoda e nos desafia para descobrir as relações dicotômicas entre a objetivação e a interpretação, neste importante e polêmico objeto da linguagem na arte de interpretar.

Sobretudo as questões que envolvem a hermenêutica crítica para os Estudos Literários na própria área das Ciências das Religiões, na busca por compreender o fenômeno religioso, no que diz respeito ao uso de certos gêneros literários (como por exemplo, a ficção científica) para abordar os diferentes aspectos da religião (do sagrado, do mito, etc), vendo na Literatura, como também um meio de construção e acesso da realidade, um importante espaço de contextualização de discursos, histórias, fazeres culturais que podem muito bem construir relações favoráveis com os campos interdisciplinares das Ciências das Religiões.

Em se tratando da contribuição para a leitura e o estudo, trataremos especificamente da obra de Octavia Estelle Butler, como possibilidade de enxergar, por meio da estratégia da ficção científica e distopia, uma interação com os dilemas da existência humana e de seu mundo, espaço de convívio, oferecendo um acesso perceptível da realidade como mecanismo de procurar soluções futuras para aspectos sociais que carregam implicações para um autêntico avanço do homem (muito além do científico ou tecnológico), que é o respeito e a tolerância para com o próximo, aceitação do diferente, cuidado com o planeta Terra (natureza), com a intencionalidade de excluir da sociedade todas as formas que geram opressão e demais aspectos ressaltados não só na obra *Xenogenesis*, mas em boa parte da literatura de Octavia e que diz respeito também a um resgate do ser humano, capaz de perceber no outro o reflexo de si mesmo. Mesmo com todo esse pessimismo carregado no fazer distopia, aparentemente quando se demonstra certas inseguranças, não esperança, descrença, medo, intolerância, destruição, espera-se, no fundo disso tudo, que o homem encontre mecanismos para conseguir driblar/amenizar essas problemáticas que estão além da distopia e tão presentes no nosso dia-a-dia.

A trama da ficção é entrelaçada aos diálogos intersemióticos (a transição de diferentes códigos para representar algo) expressados especialmente na relação entre literatura, religião, símbolos culturais ligados ao quesito da sexualidade e seus processos que caminham rumo à

³Ricoeur, Paul. Do texto à ação - A imaginação no discurso e na ação. Ensaio hermenêutico II, RES-Editora, Ltda. Portugal, 1989,115-119.

ótica da nossa atualidade no que tange à figura misteriosa da personagem Lilith (que ganhou notoriedade após a suposição em mitos do Judaísmo, que atestam a possibilidade dela ter sido a primeira esposa de Adão, homem criado por Deus que habitou o Jardim do Éden). Construída com base em características de sua homônima, temos a personagem Lilith na trilogia de ficção científica distópica da autora afro-americana Octavia Estelle Butler, intitulada *Xenogenesis* ou *Lilith's Brood*, que vem ser a base principal deste artigo.

Na análise religiosa/social/cultural/literária da personagem Lilith buscamos em mitos, relatos, contos, poemas, livros sagrados de tradições religiosas, ou seja, nos mais diversos gêneros literários, propagações ou perpetuações de histórias pertencentes a um dado acontecimento da tradição oral e escrita que são referentes ao universo religioso e que servem para atestar o mito e o símbolo ressignificado de Lilith.

A religião é uma “realidade social, um processo de comunicação específico que cria a realidade e ganha forma real através dos atos sociais” (HOCK, 2010, p. 30). Os seus símbolos fornecem subsídios para o discurso religioso. Como discurso comunicativo, regido pela verdade e pelo poder de quem detém uma informação/desejo/ideal/vontade, a religião precisa de três elementos básicos: o emissor de boas-novas, ensinamentos, profecias, castigos, etc, ou seja, aquele identificado como autoridade energética máxima de um sistema religioso; o canal, ou seja, meio/instrumento pelo qual essa informação passará de um canto ao outro, se fazendo chegar no destino correto, que pode ser a manifestação em sonho, em espírito, um livro, um templo, pessoas que servem de tabernáculos ou intermediários; e por fim, o receptor, destino final de todo esse processo, que é o homem.

Tendo esta percepção inicial de nossas discussões, quanto ao Campo das Ciências das Religiões e seu objeto, a Religião, chamamos a atenção para os procedimentos ou etapas a serem seguidas em relação a estrutura deste artigo, listados a seguir: **primeiro**, trataremos do *subcampo da tradução intersemiótica: caminhos possíveis de uma metodologia de análise interpretativa* em que apresentaremos a base metodológica proposta deste trabalho: o subcampo da Semiótica chamado de Tradução Intersemiótica ou Transmutação, enfatizado através do debate do que vem a ser a Semiótica e a Tradução Intersemiótica, seus principais teóricos e conceitos; **segundo**, uma melhor explanação de como a Tradução Intersemiótica funcionará como elo fundamental para as questões analíticas da obra *Xenogenesis*; e **terceiro**, partindo de sua personagem literária Lilith e a Lilith presente no universo histórico, mitológico e religioso, em que será abordado sob a ótica da sexualidade, um modelo comparativo intersemiótico para a problemática já citada.

1. Subcampo da tradução intersemiótica: caminhos possíveis de uma metodologia de análise interpretativa

Como parte constituinte desta dinâmica, de signos, objetos, imagens, todos em busca de representações, falas e sentidos interpretativos teríamos também o Sujeito Semiótico, ou uma fenomenologia do homem capaz de narrar-se, como uma espécie de semiótica narrativa, em que é apresentado um conjunto heterogêneo de intenções, de concordâncias e discordâncias, que colocam em questão a identidade de um gênero único, em que uma problemática inteira é colocada em movimento, um outro modo de falar, de narrar-se e dizer-se, a partir de um reconhecimento e identificação deste outro que se identifica com a personagem⁴. Associado a esta semiótica, o imaginário social que carrega um certo tipo de linguagem, que passa pela percepção da imagem, unindo imaginação e linguagem numa inovação semântica. Sob esta perspectiva, a cultura visual, traz sempre um enunciado

⁴Ricoeur, Paul. *Percurso do reconhecimento*, Edições Loyola, São Paulo, 2006.

metafórico no discurso do imaginário. A nós, interessa este aspecto sensorial, quase óptico da imagem que torna a assimilação mais fácil de compreender, como uma reverberação produzida pela imagem e produz imagens adormecidas, evocadas e excitadas no campo da associação da imagem. Conforme Ricoeur, a força heurística da ficção nos reenvia a uma realidade no mais alto nível capaz de abrir e desenvolver novas dimensões e realidades⁵.

Entender Lilith como este sujeito gerador de signos e respectivos valores, dentro de um campo da história, mitologia e religião, bem como a maneira de apropriação, os discursos e significados impostos à Lilith literária de Octavia Estelle Butler, no que diz respeito às teias que tecem os dilemas da sexualidade, ponto de discussão e análise, será fundamental a partir do subcampo da Tradução Intersemiótica. Contudo, seria inapropriado, deixar de lado a construção deste valioso campo de significação que faz parte da “Cultura visual”, estudado e utilizado por áreas das Artes (Música, Cinema, etc), das Ciências Humanas (Letras, História, Comunicação, etc), Ciências Sociais (Antropologia, etc) e até nas Ciências Exatas (Lógica, Matemática) como uma proposta metodológica em seus trabalhos acadêmicos e científicos.

Para tanto, é necessário abordar o que é Semiótica, seu objeto, os principais conceitos, os teóricos responsáveis por disseminá-la para o mundo, e então, apresentar o que denomina-se por Tradução Intersemiótica e de que maneira o diálogo é proposto neste trabalho: como os símbolos de Lilith na obra da escritora afro-americana Octavia Estelle Butler se configuram pelo olhar da sexualidade e evoca um conjunto intersemiótico oriundo das relações culturais, mitológicas, históricas, sociais, religiosas, etc. que abrangem a nossa sociedade, entendendo o mundo como objeto a ser traduzido pelo sujeito semiótico, que buscará outros signos com o intuito de explicar e compreender o mundo ao seu redor, em um processo contínuo e transformador.

1.1 Contributo da semiótica e da tradução semiótica

Trazendo como contribuição teórica a pesquisadora em estudos semióticos Lúcia Santaella⁶, mais especificamente suas ideias e abordagens do livro *O que é Semiótica?*, a mesma diz que o *signo* vem a ser o significado de *semeion*, do grego, onde teria sido a origem deste nome *Semiótica*, definida também como “ciência dos signos [...], mas signo, linguagem; a Semiótica é a ciência geral de todas as linguagens” (SANTAELLA, 1988, p. 01). Juntamente com a Linguística, vem a ser uma ciência que ganhou notoriedade no século XX (SANTAELLA, 1988). Linguagens verbais e não verbais seriam regidas pela Semiótica, sua ciência-guia: portanto, nelas residem o objeto semiótico.

A linguagem⁷ seria o elemento de uma comunicação, termo derivado do latim *communis* e significa *comum*, “o que introduz a ideia de comunhão, tornar comum” (PERLES, s/d, p. 02). Durante a trajetória da comunicação, o homem criou mecanismos de linguagem e formas de significação para transmitir informações, deixar impresso suas marcas culturais e assim fazer presente a escrita de sua própria história:

⁵Ricoeur, Paul. Do texto à ação - A imaginação no discurso e na ação. Ensaio hermenêutico II, RES-Editora, Ltda. Portugal, 1989.

⁶ Lúcia Santaella é formada em Letras, doutora em Teoria Literária Letras (1973) pela Universidade Católica de São Paulo. Estuda a semiótica durante todos esse anos. “Atualmente trabalha no programa de estudos pós-graduados em Comunicação e Semiótica da PUC-SP, onde — no contato com alunos advindos de campos os mais diversos, da arte à matemática, da poesia à engenharia, da música à arquitetura — mais aprende do que ensina” (1988, p. 18).

⁷ Para isso, entendemos como Mesquita, que interliga a linguagem aos signos semióticos (índice, ícone e símbolo). “A capacidade de comunicar-se por meio dos signos damos o nome de linguagem. [...] Assim a linguagem, é a capacidade do homem comunicar-se” (MESQUITA, 2009, p. 16).

Como indivíduos sociais [...] somos, [...] mediados por uma rede intrincada e plural de linguagem, isto é, que nos comunicamos também através da leitura e/ou produção de formas, volumes, massas, interações de forças, movimentos; que somos também leitores e/ou produtores de dimensões e direções de linhas, traços, cores... Enfim, também nos comunicamos e nos orientamos através de imagens, gráficos, sinais, setas, números, luzes... Através de objetos, sons musicais, gestos, expressões, cheiro e tato, através do olhar, do sentir e do apalpar. Somos uma espécie animal tão complexa quanto são complexas e plurais as linguagens que nos constituem como seres simbólicos, isto é, seres de linguagem (SANTAELLA, 1988, p. 02).

E assim, perguntamo-nos: que tipos de linguagens, significações, informações, comunicação buscamos neste trabalho? A certeza é que estas serão as narrativas verbais (os mitos, os texto-fontes, textos sagrados, a literatura de Octavia) e as narrativas não verbais (as imagens nas pinturas, artefatos, utensílios, o que a mente modela de um determinado *ser*, etc.) que representem todas as formas de descrever e gerar o entendimento por meio dos artifícios da linguagem que o homem busca representar o que se intenta descobrir.

Somos sujeitos em constante processo de tradução, transitando por esses diferentes modelos/espacos interpretativos, mesmo que não tenhamos a consciência desse fato. A tradução vem a ser uma nova forma de “interpretar o mundo com outros olhos” (PLAZA, 2003, p. 142), a partir da perspectiva fornecida pelo original:

[...] Passado-presente-futuro, ou original-tradução-recepção, estão necessariamente atravessados pelos meios de produção social e artística, pois é na tradução dos momentos da história, para o presente que aparece como forma dominante ‘não a verdade do passado, mas a construção inteligível de nosso tempo’ (PLAZA, 2003, p. 13).

O nascimento dessa Tradução Intersemiótica para Plaza, é visto como uma *obra de arte*. Também fazendo seu caminho sobre o que vem a ser tradução, o pesquisador expõe que a mesma é uma “prática crítico-criativa na historicidade dos meios de produção e re-produção, como leitura, como metacriação, como ação sobre estruturas de eventos, como diálogos de signos, como síntese e reescritura da história” (PLAZA, 2003, p. 14).

Na proposta de nosso artigo (através do que imagina, descreve, caracteriza, discute-se sobre Lilith, gerados pelo acesso a sua inserção em dadas civilizações, contextos históricos, religiosos) é que veremos o transporte desse signos até chegar a trilogia *Xenogenesis*, entendendo os mecanismos e artifícios utilizados pela já citada autora para redesenhar ou remodelar esta personagem Lilith.

2. Mito e ficção

O tema que circunda a trama da narrativa neste artigo é a investigação da história/mito de Lilith (Lilit, Lilite ou Lilitu) através das tradições judaicas e cristãs até chegar ao movimento feminista, para que possamos compreender como as transformações simbólicas ocorridas ao longo do tempo, (que transitam em discursos dualistas do sagrado e do profano, bem e mal, masculino e feminino, poder e submissão) constroem seus discursos, histórias,

culturas, etc. Para isso, realizamos uma reflexão com base em um diálogo intersemiótico, pois é a partir desta perspectiva que elaboramos a construção analítica do símbolo⁸ nas metamorfoses da intrigante narrativa de Lilith, por meio do objeto literário, a trilogia de romances distópicos *Xenogenesis* (1987- Gênese Estrangeira) ou *Lilith's Brood* (2000- Ninhada de Lilith) da autora Octavia Estelle Butler.

De acordo com Ricoeur: “O símbolo literário é, essencialmente, uma ‘estrutura verbal hipotética’, em outras palavras, uma suposição e não uma asserção, na qual a orientação ‘para dentro’ supera a orientação ‘para fora’, que é a dos signos de vocação extrovertida e realista.”⁹ Isto ocorre devido a tentativa de compor uma estrutura verbal autônoma e representar uma vida real, que nasce de duas tentativas heterogêneas.

Um acontecimento/fenômeno/personagem, cada um deles foi gerado por meio de modelos ou imagens mentais individuais ou coletivas, sentimentos, símbolos carregados de informações, memórias, processos esses que geram inúmeros signos não verbais com a intenção de representar este acontecimento/fenômeno/personagem, com o desejo de que não seja perdido este traço cultural/histórico/mitológico/religioso do existir e compreender o homem, o divino e o mundo. Este mundo, especialmente, é um espaço repleto de códigos que precisam ser traduzidos, como já está bem claro.

A problemática é: quem é esta Lilith Negra octaviana? De que forma ela dialoga com uma Lilith inserida em um campo histórico, mitológico e religioso? As possíveis características que moldam a mulher híbrida literária são marcadas pela sexualidade e pelos estigmas de sua homônima? E quanto ao estado dual desta personagem: humana e demônio, divina e profana, antiga e moderna? Que caminhos apontam a trajetória deste ser feminino?

2.1 O sagrado e o profano em Lilith e as metamorfoses narrativas

O *sagrado e profano* em Lilith está na alocação de sua história, muitas vezes relacionadas com o cosmogônico natural e sobrenatural, seja como protagonista ou antagonista nos mitos e ritos (deusa ou demônio) que originam-se de sua revelação, seja no campo da oralidade, por exemplo, como nas folhas de escritos que dizem respeito às crenças fundidas a realidades compartilhadas por dadas civilizações em seus variados sistemas sociais. É bem importante esclarecer especialmente o que vem a ser este termo *demônio*, diante dos contextos civilizatórios que ele deve abranger e os significados alocados em cada um de seus contextos, tendo a consciência de que durante a apresentação da personagem Lilith nos passos históricos, mitológicos e religiosos, este conceito será melhor discutido.

Desde relacionado à vontade, fantasmas, espíritos, entidades antagonistas dos deuses até o que mais se concentra presente dentro de um *conhecimento inicial* da sociedade, ou seja, *criatura diabólica, do mal*, o termo demônio sofre modificações e traduções neste caminhar de tempos, espaços e discursos.

Destacamos, a princípio, dentro da assimilação do mundo cultural dos babilônicos e sumérios. Para Thompson (1903), especialmente uma alma sem paz, um híbrido ou os próprios

⁸A palavra de símbolo é derivado do grego antigo *symballein*, que significa agregar" (O'CONNELL; AIREY, 2011, p. 06). Entendemos por símbolo como aquele que "[...] representa [...] algo, mas também sugere 'algo' que está faltando uma parte invisível que é necessária para alcançar a conclusão ou a totalidade. Consciente ou inconscientemente, o símbolo carrega o sentido de unir as coisas para criar algo maior do que a soma das partes, como nuances de significados que resultam em uma ideia complexa" (O'CONNELL; AIREY, 2011, p. 06). O símbolo, nesta perspectiva, também “ativa uma série de percepções, crenças e respostas emocionais” (O'CONNELL; AIREY, 2011, p. 06).

⁹ RICOEUR, Paul. Tempo e Narrativa – 2. A configuração do tempo na narrativa de ficção, Trad. Márcia Valéria Martinez de Aguiar, Martins Fontes, São Paulo, 2010, p.29.

demônios eram os três tipos de fantasmas a causar infortúnio à vida humana para os sumérios e babilônicos. O fato é que estes povos (incluindo também os assírios) temiam tais seres, em dados momentos, se valendo de artefatos de proteção como amuletos e orações, ou até invocação de outros demônios para combater um dado demônio que atormentava a comunidade.

Durante o Cativo da Babilônia, o conceito de mal vai ganhar força. Nas palavras de Neto:

Ao que parece, houve dois fatos que determinaram mudanças significativas no modo de ver o mal no Antigo Testamento. O primeiro é o cativo na Babilônia, que teve uma influência decisiva para a formação de uma demonologia mais definida. Os caldeus desenvolveram uma riquíssima demonologia – legiões de entidades semidivinas em cinco classes, cada uma com “sete demônios” e cada classe com seus atributos distintos, apesar de não consistirem necessariamente em espíritos malignos (NETO, 2006, p. 23).

O Zoroastrismo, com as suas percepções de um mundo dualista marcado por duas forças opositoras, é determinante na fixação da existência de um mal e de seres ao seu serviço para destruir a humanidade.

2.1.1 Lilith no judaísmo, *Zohar* (livro do esplendor) e alfabeto de Ben-Sira: perspectivas na narrativa religiosa

O *Talmude*¹⁰ (6 a.C) é formado do fruto de reflexões dos rabinos em relação à cultura ou tradição judaica. Nesta importante obra, encontramos o Torá¹¹, que é o conjunto formado pelos cinco livros atribuídos a Moisés. A finalidade de manter viva a chama dos ensinamentos judaicos, após o período de dispersão do povo judeu, é evidente em tal documento. A forma como Lilith é apresentada neste livro, sugere um conhecimento prévio dos rabinos sobre a origem de sua história:

As passagens originais do *Talmude* descrevem Lilith como existente no momento da queda de Adão; como a serpente demoníaca emanada de Adão por roubar seu sêmen durante a noite enquanto dormia; como tendo cabelos longos; como tendo asas, e como trazendo a impureza sobre as mulheres em trabalho de parto (BIGGS, 2010, p. 16) (tradução nossa).

É válido enfatizar que há em certas versões talmúdicas, notas de rodapé explicativas sobre Lilith, para que não se perdesse com o tempo, o conhecimento sobre a participação

¹⁰ Ele é constituído pelo: Mishná (Mixná, Míxena ou Mishnah) (por volta de 200 a.C) e Guemará (500 a.C) (SILVA, 2012). Há o Talmude Babilônico- escrito em 1342 d.C- séculos III e V (o mais acessível e procurado para estudos)- e o Talmude Jerusalém (SILVA, 2012).

¹¹ Divide-se em duas: Torá Oral (Mishná) e Torá escrita (Chabad). O Talmude é o complemento das interpretações do Torá, acrescido dos costumes judaicos (SILVA, 2012).

desta mulher do mundo judaico¹², (de maneira bastante temerosa, negativa). Porém nos dias de hoje, a postura rebelde dessa mulher, e posteriormente sua conversão em demônio, é motivo de ocultamento durante dado espaço de tempo dos ensinamentos judaicos sobre a possível existência deste ser. Mas como é descrita a sua origem?

A sujeira e os sedimentos foram os materiais usados para moldar Lilith (BIGGS, 2010), a primeira esposa do homem criado por Deus, Adão. Conforme o livro Talmude, conta-se que Lilith descumpriu ordens de seu companheiro Adão e até do próprio Deus judaico-cristão (SILVA, 2012). As discussões entre o primeiro casal eram advindas, especialmente, do quesito sexual: “Ela soltou o seu longo cabelo e gritou o inefável sagrado nome de Deus. Ela, assim, sobrenaturalmente criou asas e fugiu (voou) do jardim” (BIGGS, 2010, p. 06) (tradução nossa). Como não teve o seu pedido atendido, quanto à posição sexual que gostaria de executar, Lilith deixou Adão e refugiou-se em uma caverna. Posteriormente, a pedido de Adão, Deus ordena que três Anjos busquem Lilith. Recusando-se a voltar para seu companheiro, Lilith tornou-se uma entidade demoníaca, passando por uma metamorfose (SILVA, 2012). (Figura 01).

¹²Em notas de rodapé em certas versões talmúdicas, explicitamente falam sobre Lilith, e assim estão enumeradas: “1) Não se pode dormir em casa sozinho, e quem dorme em uma casa sozinho é tomado por Lilith (Shab. 151b- nota A- demônio da noite);

2) Rabino Jeremia ben Eleazar disse: “Durante aqueles anos (depois de sua expulsão do Éden), em que Adão, o primeiro homem, foi separado de Eva, ele tornou-se o pai dos vampiros, demônios e lilin”, disse o rabino Meir “Adão, o primeiro homem, sendo muito piedoso e por descobrir que tinha feito a morte vir ao mundo, sentou-se em jejum durante 130 dias, e separou-se de sua esposa durante 130 anos, e usava videiras e figos por 130 anos”. Sua paternidade de espíritos malignos, aqui referidos, veio como resultado de poluções noturnas (sonhos molhados) (Erubin 18b);

3) Ela cresceu cabelos longos como Lilith (Erubin 100b- nota “o notório demônio noturno feminino”);

4) Eu vi como Hormin filho de Lilith estava correndo no parapeito do muro de Mahuza (Bathra 73a-b- nota de rodapé para Hormin “um demônio”; Lilith “demônio do sexo feminino da noite”);

5) Se um aborto tiver a semelhança (imagem) de Lilith, a sua mãe é impura em razão do nascimento, pois é uma criança, mas tem asas [...] (Nidda 166: v6-24b- nota de rodapé para Lilith: demônio feminino noturno, a fama de ter asas e um rosto humano) (BIGGS, 2010, p. 16 e 17) (tradução nossa).



Figura 01:

Sequência ilustrativa da história de Lilith do Alfabeto de Ben Sira- parte 1 do Projeto *The Story of Lilith from The Alphabet of Ben Sira* da ilustradora americana Lindsey Ann.

Ilustradora:Lindsey Ann Leigh, 2016.

Ela [...] tornou-se a mãe dos demônios. Por causa de sua recusa, os Anjos amaldiçoaram Lilith que a cada dia, 100 da sua semente iriam morrer. Deus então criou Eva como uma substituta para a rebelde Lilith. Em vingança por Eva usurpar sua posição, Lilith resolveu que iria visitar as crianças de Eva no parto e matar aquelas que não estavam protegidas. De acordo com a maioria das versões de sua lenda, [...] Lilith voltou ao jardim sob o título da infame Serpente (BIGGS, 2010, p. 06) (tradução nossa).

Segundo Laraia, alguns “teólogos modernos acreditam que a serpente foi a forma tomada pelo demônio para tentar Eva” (1997, s/p). Como ela ainda se considerava mulher de Adão, na forma de serpente, fez o casal cair em pecado, através da mordida do fruto proibido, vingando-se também nos filhos da união de Adão e Eva. Ainda nas tradições hebraicas, há a superstição de que para proteger os bebês da má influência da mulher-demônio, seria aconselhável colocar no quarto/cama/berço ou na própria criança, o amuleto no qual deveria conter o nome dos três anjos: *Snvi* (*Sanvi- Sensoi*), *Snsvi* (*Sansavi*) e *Smnglof* (*Samangelaf-Samangaluf*), que foram aqueles enviados por Deus para fazer com que Lilith (Figura 02) voltasse para o convívio com Adão.



Figura 02: Cerâmica mesopotâmica datada de cerca de 600 C.E em que se lê *Lilith má!* Há um recitamento mágico em aramaico nesta tigela, cuja finalidade é proteger o homem da presença e influência do demônio. Segundo o site *Bible History Daily*, mesmo não havendo o nome de Lilith, as imagens comparativas são idênticas a outros artefatos: manchada como um animal ou leopardo, de posse agressiva e braços levantados. Pertence atualmente ao Museu Semítico da Universidade de Harvard (Bible History Daily, 2017).

Fonte: Site Bible History Daily, 2017.

Encerrando a lenda de Lilith no campo judaico, podemos concluir que ela “é descrita como principal demônio feminino, sensual, caracterizada por sua ‘vagina vibrante’, ‘seios rutilantes’, ‘ventre e coxas iminentes’” (SICUTERI, 1987, p. 27), sendo a “causadora de “poluções noturnas nos jovens castos” (GOMES; ALMEIDA, s/d, p. 10).

Contudo, também apresentamos Lilith no *Zohar* (Livro do Esplendor ou Livro de Abraão¹³), “obra cabalística do século XIII que se constitui o mais influente texto hassídico”¹⁴ (GOMES; ALMEIDA, s/d, p. 10), sendo um dos mais importantes livros da *Cabala*¹⁵. Fica claro na interpretação do Rabino Simeon, a presença das duas forças regentes no universo: a luz, perfeita e pertencente ao masculino; e a escuridão, imperfeita, pertencente ao feminino:

¹³O livro de Abraão *O Zohar*, coleção de metáforas e parábolas que iluminam a Torá, onde se encontra a doutrina judaica, tem o propósito de guiar as pessoas que já alcançaram níveis espirituais elevados a partir da origem das suas respectivas almas. Também é conhecido como o livro de Abraão, patriarca da religião judaica” (NISKIER, 2011, p. 15).

¹⁴Nome de duas correntes místicas do judaísmo, o hassidismo medieval (séc. XII-XIII) e o hassidismo moderno, nascido em meados do séc. XVIII na Ucrânia e que forma hoje grupos de forte militância no seio da comunidade judaica.” Fonte: <http://www.dicio.com.br/hassidismo/>. No século I, Niskier (2011) acredita que é possível encontrar evidências do *misticismo judaico*. Contudo, isso remota a um período mais antigo a partir dos achados dos Manuscritos do Mar Morto (NISKIER, 2011).

¹⁵A *Cabala* é originária do nome “Kabbel, que significa receber. Compõe-se de diversos livros, sendo o mais expressivo deles o *Zohar*, obra atribuída ao rabino Shimon Bar Yochai, que viveu no século II” (NISKIER, 2011, p. 10). A relação entre Deus, o homem e a mulher, conforme a associação utilizada nos trechos do *Zohar* e nos ensinamentos cabalísticos é que um representa a sabedoria e outro o conhecimento: “Deus só abençoa quando o homem e a mulher estão unidos. Esta Sabedoria se manifesta e produz Binah (inteligência) e assim teremos o binômio masculino e feminino, pois a Sabedoria (Hokmah) é o Pai, e a Inteligência (Binah) é a Mãe. Os dois formam os pratos de uma balança. Sem Sabedoria não haveria o Conhecimento” (NISKIER, 2011, p. 31).

O homem pela emanção é macho e fêmea como ele procede do pai e da mãe unidos, como está escrito: "E Deus disse: haja luz e a luz (nasceu)". "Haja luz" conota a parte do homem que emanava do pai; isto é, o princípio masculino; "E a luz (nasceu)", refere-se à parte que emanava da mãe, o princípio feminino. O homem, portanto, foi criado andrógino com duas faces. O homem emanado não possuía nenhuma forma ou semelhança especial, mas a mãe celestial que desejava produzir e dotar o homem criado de uma imagem especial. Agora, as duas luzes que emanam do pai e da mãe, chamadas nas escrituras, luz e escuridão, a forma do homem criado deve necessariamente ser composta da luz ativa que procede do pai, e a luz passiva (denominada escuridão) que procede da mãe (_____, *The Sepher Zohar*, s/d, p. 72) (tradução nossa).

É interessante acrescentar também alguns comentários cabalísticos do *Zohar* sobre o Gênesis e a separação andrógina que teria criado o complemento homem e mulher, bem como a atuação da tríade Adão, Lilith e Eva:

O Santo (Deus único, Supremo) então separou-os e tendo vestido esta última (Lilith) em uma forma mais justa e bela, trouxe-a ao homem, e como uma noiva é adornada e levada ao noivo. A Escritura afirma que Ele tomou um dos lados ou partes (da forma andrógina) e encheu o lugar com carne em seu lugar. Em um livro oculto muito antigo nós encontramos declarado que o que Deus tomou do lado de Adão não era uma costela, mas Lilith, que tinha convivido com ele e deu à luz filhos (_____, *The SepherZohar*, s/d, p. 102) (tradução nossa).

Segundo o pesquisador Biggs, "o *Zohar* explica a natureza rebelde de Lilith. Ele afirma que a luz defeituosa de Lúcifer animou Lilith; enquanto que a fálscia perfeita e santa da luz de Deus animou Adão" (2010, p. 17) (tradução nossa). Sicureti acrescenta a informação de que Lilith teria sido "feita do barro à noite [...] Tinha em sua aparência obscura sangue, saliva e lágrimas" (1987, p. 14). Já Robles informa que "o cabalista do século XIII Yitshaq ha-Cohen e seus sucessores separam-na em duas: Lilith a Velha, esposa de Sama'el¹⁶, e a Jovem Lilith, unida a Asmodeus, outro dos principais demônios, também conhecido como Ashmed'ai" (2006, p. 35 e 36).

A luz defeituosa, a serpente enganadora, a mãe dos impuros, a assassina de recém-nascidos são algumas dos vínculos relacionados à Lilith no livro *Zohar* e nos comentários rabínicos do *Sepher Zohar*, que reafirmam uma imagem demoníaca de Lilith.

Já entre os séculos "VIII e X a. C" (GOMES; ALMEIDA, s/d, p. 09) surge a primeira suposição que Lilith antecedeu Eva, a partir da análise da criação humana por meio da tradução hebraica do *Alphabets of Ben Sira* (Alfabeto de Ben Sira) livro comumente conhecido como *Wisdoms of Ben Sira* ou *Livro de Toda Sabedoria Virtuosa* (GIACHETTI, s/d, s/p.), escrita esta, *atribuída* (pois há dúvidas quanto a autoria deste documento) a "Simeon Ben Yeshua bem Elazar ben Sira, conhecido como Ben Sira ou Sirach" (ZUCKERMANN, 2003, p. 09), um

¹⁶ No Judaísmo e na *Cabala*, além de ser relacionado ao Anjo da Morte, é visto como consorte de Lilith. No Gnosticismo ele é o filho Pistis Sofia e no Catolicismo é Lúcifer. Fonte: <http://ocultura.org.br/index.php/Samael>

“escriba, sábio e alegorista judeu helenista de Jerusalém” (GIACHETTI, s/d, s/p.) e autor do *Sirácida*¹⁷ ou *Eclesiástico*.

Este Alfabeto¹⁸ é formado por vários provérbios divididos em partes de A a F, e contém fragmentos de manuscritos de Qumran e Massada, que completam-nos (FROWDE, 1897). Outro livro de Ben Sira, que encontra-se separado dos provérbios, é aquele formado pelas 22 ou 23 fábulas (variam de acordo com as versões) que o mesmo conta ao rei Nabucodonosor, quando é chamado à corte, devido a sua inteligência e sabedoria, e logo é indagado por várias dúvidas que surgem na cabeça do famoso rei, dentre elas, uma pergunta sobre a criação do homem e da mulher, onde menciona-se o nome de Lilith (Figura 03).

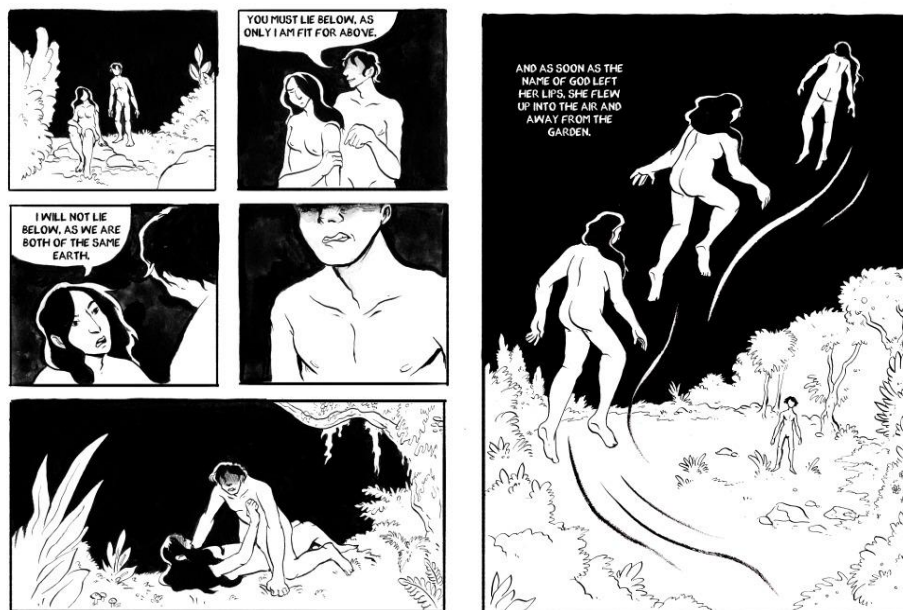


Figura 03: Sequência ilustrativa da história de Lilith do Alfabeto de Ben Sira (parte 2) do Projeto *The Story of Lilith from The Alphabet of Ben Sira* da ilustradora americana Lindsey Ann. **Ilustradora:**Lindsey Ann Leigh, 2016.

Assim, a pergunta sobre a criação é respondida por Ben Sira, conforme segue a citação:

¹⁷ A tradução deste livro para o grego (já que o mesmo fora escrito em hebraico) foi chamada de *Sirácida*. Cogita-se a ideia de que o neto do autor teria traduzido para tal idioma (grego), por volta de 123 a.C, tornando tais provérbios integrantes do livro deuterocanônico bíblico, o *Eclesiástico* (GIACHETTI, s/d). “O livro parece compor-se das notas coligadas de Ben Sirac postas em verso e organizadas para publicação [...] A poesia está repleta de imagens ricas tiradas da natureza e mostra grande variedade do tipo de redação [...] O *Sirácida* é obra de literatura sapiencial” (RYBOLT, 2001, p. 418).

¹⁸ Uma parte dos manuscritos que formam o Alfabeto, documento controverso, em termos de intencionalidade e autoria, foram achados no Cairo e em Jerusalém, por volta de 1896, por Agnes Lewis e Margaret Dunlop Gibson, que investigaram e descobriram que aqueles manuscritos eram parte complementar do famoso Alfabeto de Ben Sira (MORLA, s/d). Já na Sinagoga de Ben Ezra, o professor de Cambridge, o senhor Schechter, adquiriu alguns manuscritos no Cairo. Neste mesmo ano, E. N. Adlen, no Egito, teve acesso à outra parte do Ben Sira. Na biblioteca de Cambridge, por volta de 1899, mais material do Ben Sira fora achado (MORLA, s/d). No final, depois de muito estudo, estipulou-se a data provável dos manuscritos, “dados entre os séculos X-XII” (MORLA, s/d, p. 18) (tradução nossa). Na caverna de Qumran em 1956, mais fragmentos dos manuscritos foram encontrados. “De acordo com as descobertas de Qumran e Massada, você pode deduzir que o livro de Ben Sira era conhecido e usado por grupos judeus já no século I a.C¹⁸” (MORLA, s/d, p. 19) (tradução nossa), atestando pois, o seu valor como documento histórico para tal povo.

Perguntas/enigmas a pedido do rei, tudo o que Ben Sira resolveu com sabedoria e, por vezes, surpreendentemente [...] A questão leva a respostas na forma de contos. Um famoso (conto) originário do Toldot diz respeito à Lilith [...] O Toldot é o primeiro texto para descrevê-la como a primeira mulher de Adão, que o deixou porque ele se recusou a aceitá-la como semelhante [...] O Toldot pode ser visto como uma coleção de contos, alguns emprestados e magistralmente reformulados, outro original, provocado pelas questões de Nabucodonosor [ORR, s / d, p. 21].

No documento denominado de Alfabeto de Ben Sira, a não submissão ao ato sexual, que incomoda as relações patriarcais e machistas, distorceu, para entretenimento, a imagem de Lilith de forma satírica, ou como forma de zombaria das tradições talmúdicas, que acreditavam nesta personagem. Na forma apresentada como gênero *fábula*, poderia tais relatos terem credibilidade sobre Lilith, ou essa foi mais uma estratégia para ofuscar a participação *rebelde-feminina* em fatos que marcam a aurora inicial da compreensão da história da humanidade?

2.1.2 Lilith negra de Octavia Estelle Butler: perspectivas na narrativa religiosa

A trilogia *Xenogenesis* (1987) ou *Lilith's Brood* (2000) tem como livro inicial *Dawn* (Amanhecer), primeiro romance publicado em 1987. Como personagem principal da trama, deparamo-nos com Lilith Iyapo, uma afro-americana sobrevivente de vários eventos como uma guerra nuclear, e posteriormente, fome, frio, doenças e suicídio em massa, que causou quase aniquilação total dos seres humanos. Contudo, seres vindo do espaço, das estrelas, do céu, mais especificamente uma raça alienígena¹⁹ chamada *Oankali*²⁰ salva os poucos sobreviventes daquele cenário caótico (BUTLER, 2000).

Lilith Iyapo é a escolhida para desempenhar o papel de mãe de uma nova humanidade a habitar a Terra. Prestes a ser despertada de seu processo de animação suspensa, Lilith terá grandes desafios para reconstruir, junto com os *Oankali*, o que sobrou da humanidade e da Terra, em um novo Éden. Além disso, Lilith é a chave essencial do plano genético dos *Oankali*, em busca do perfeito ser, ou seja, um construído, raça superior e híbrida vista como o futuro dos humanos e dos alienígenas (SILVA, 2012).

Em *Adulthood Rites* (Rituais de Maturidade) lançado em 1988, a história aborda a convivência e sobrevivência dos humanos e *Oankali*, a partir do ponto de vista do personagem Akin, primeiro filho de Lilith, Joseph e de um ooloi. Possuindo em seu íntimo a natureza das duas raças, a narrativa expressa o ápice da *contradição humana*, que também será experimentada por Akin.

Imago (Imagem), último livro que encerra a trilogia, foi lançado em 1989. Nele, temos o primeiro construído *ooloi* chamado Jodahs que será o personagem mais valioso no final da trama, pois é a partir dele e de sua genética que ambas as raças poderão achar respostas para os enigmas de sua existência (BUTLER, 2000).

Portanto, ampliaremos o nosso discurso sobre a apresentação desta Lilith negra-híbrida da trilogia *Xenogenesis*, para que possamos perceber como esta Lilith mitológica/história/religiosa dialoga com a Lilith literária. Como o próprio título da obra sugere (*Xenogenesis* = Gênese Estrangeira), o foco é contar (ou recontar) o surgimento

¹⁹ Seres vindos de outro planeta.

²⁰ Definido na história como "Comerciantes Genéticos".

(renascimento, recriação) de um cosmo/mundo/deuses/seres humanos/planeta Terra/civilização. Nesta ficção, a Lilith de Butler é uma mulher-fêmea-negra, que na sua condição, é a escolhida para liderar aqueles que habitaram uma Terra semelhante ao Éden bíblico: uma terra de natureza intocável, à disposição para a utilização consciente do ser humano. Como líder, é constantemente ridicularizada pelos outros seres humanos, como se ainda fosse submissa ou escrava, ou até, uma traidora de sua própria humanidade por estar convivendo com os alienígenas, vistos como demônios. Grávida e correndo risco de vida, Lilith é forçada a ficar isolada dos demais humanos.

A partir do que fora narrado, temos alguns pontos semelhantes às narrativas de Lilith no contexto histórico/mitológico/religioso: a Lilith de Octavia foi a primeira líder do primeiro grupo de humanos no processo de repovoamento; foi submissa ao sexo com os *oankali* como estratégia de repovoamento e de busca da liberdade; refugiou-se na nave e sofreu uma metamorfose no seu corpo, se tornando humana e alienígena, ou seja, passou a ser vista como um demônio pelos outros humanos; foi a mãe do novo gênesis (filhos adotivos e híbridos, estes últimos chamados de *humanoankali*); como híbrida (humana e alienígena) adquiriu maior resistência, rapidez, manipulação dos organismos existentes no navio suspenso dos alienígenas, e com a capacidade de despertar pessoas, revertendo o quadro de animação suspensa dos seres humanos; “prostituta” do *oankali* (os humanos acreditavam que eles eram demônios); sempre vai ser culpada do mal que assola a nova humanidade, na visão destes humanos despertados, por ter supostamente vendido seu corpo (ao ter relações sexuais com o alienígena) ao diabo-*oankali*.

Acrescentamos ainda que, em uma entrevista, a autora Octavia, esclarece sobre o fato de em suas obras terem conteúdos religiosos e mitológicos, bem como de ter escolhido Lilith como uma de suas protagonistas da série *Xenogenesis*.

JM: A Bíblia parece fornecer uma base para o seu trabalho. Isso é porque você a vê como um compêndio de fantasia?

OEB: Eu sempre amei a Bíblia pelas coisas citáveis que eu poderia tomar emprestado dela [...] Em Dawn eu nomeio uma das personagens de Lilith, que segundo a mitologia foi a primeira esposa de Adão e que era insatisfeita, porque ela não poderia obedecê-lo. No Dicionário de Frases e Fábulas de Brewers define "Lilith" primeiro como um monstro babilônico. Eu imagino se a sua péssima reputação resulta de sua recusa em tomar as ordens de Adão. Então sim, eu me divirto muito com nomes e referências; eu gosto de usar nomes que trabalham com quem são meus personagens (McCAFFERY; McMENAMIN, s/d, p. 68, tradução nossa).

Notadamente marcadas pelo campo da sexualidade, que delinea como esse ser feminino (mulher), negra, híbrida (humana e alienígena), a Lilith octaviana parece carregar os estigmas de sua homônima (histórica/mitológica/religiosa), e continua a ser, naquela sociedade, lembrada e hostilizada por estar relacionada com o demônio feminino do mundo judaico-cristão.

Lembramos também que este processo de tradução ocorreu pelo uso de imagens construídas por meio de tradições religiosas/mitológicas, textos sagrados, objetos (estátuas, amuletos) que estavam arcabouçadas em contextos biopsicossociais e foram readquiridos na nova gênesis de Octavia Butler, como uma reconstrução de um mito no qual Lilith reaparece com papel importante, e que diz respeito aos anseios literários que refletiam as angústias reais de um mundo comungado por Octavia, que usou em sua escrita literária ou deu voz aos

personagens ou seres subversivos, transgressores, fora dos padrões sociais (o *outro*), imorais (no sentido de desafiadores), vozes inaudíveis de novos protagonistas em seu fazer histórico ancorados nos anseios da atualidade, se tornando símbolo opcional destas repressões e vergonhas, quebrando as correntes e mostrando uma perspectiva de caminho, esperando ou convidando o leitor, como ser social, a refletir, e de mãos dadas, derrubar os muros que impedem a verdadeira evolução do espírito humano.

Assim, obtemos algumas informações necessárias para a proposta de um debate inicial analítico. Tratando a obra como um mito renovado, destacamos alguns símbolos que aludem ao diálogo intersemiótico entre as Liliths: o primeiro seria a **serpente**, que outrora símbolo vinculado à Grande Deusa, sofreu uma metamorfose de sentidos, e no contexto judaico-cristão era visto com o título de *serpente infame ou enganadora*. A transfiguração desse significado para a Lilith de Octavia ocorreu pelo fato dos seres humanos a verem como traidora da humanidade, que assim como a serpente do jardim, impediu o *homem* de ser verdadeiramente livre, feliz e transcendente, marcando o destino do mesmo ao sofrimento. Na perspectiva da obra, a infertilidade humana e a subjugação desta raça aos alienígenas constituía mais um dos fatos associados à Lilith Iyapo. Na sua metamorfose, a Lilith literária adquiriu os tentáculos dos *Oankali* em seus cabelos, que remete-se a *um nicho de cobras assustadas*, como a mesma descreveu (BUTLER, 2000).

A **mãe** atuou como símbolo vinculado à nova concepção de maternidade configurada nesta história, que sob a ótica da personagem Lilith readquiriu um aspecto neste processo de reconstrução da vida humana. Na história de Octavia, a sua Lilith e o seu perfil de mãe foram imprescindíveis: ela era responsável por guiar os seres humanos despertados, além de desempenhar a função de mãe de filhos híbridos. Este seria o lado positivo materno, enquanto seu oposto ocorreu pela forma como os humanos julgavam Lilith de forma negativa, a qualquer custo. Para esses humanos, os filhos gerados de seu útero maldito, sempre seriam vistos como monstros/demônios e Lilith nunca seria reconhecida por seu papel como ser humano, uma mulher, uma mãe, e sim, uma concubina do diabo.

O alienígena *Oankali* também era o *outro*, o excluído, o marginalizado, o incompreendido, o maligno. Seja por sua aparência grotesca, suas habilidades fora do comum e a forma como estabelece uma dependência com os humanos no processo de sobrevivência de ambas as raças, tudo isso aumentava ainda mais a associação demoníaca destes alienígenas. Contudo, este mesmo ser extraterrestre vai visualizar em seu híbrido/construção como o *outro* (na obra *Imago*) a ser temido, na figura do filho de Lilith denominado de Jodahs, um *humanoankaliolo*²¹. Fruto de processo de eugenia, Jodahs foi temido, pois seus semelhantes o julgam como falha genética, em razão da incompreensão do que ele viria a se tornar após o seu processo de maturidade.

Contudo, as **sementes desta Lilith octaviana**, ou seja, seus **filhos híbridos** abriram um leque de questionamentos e discursos que abrangeram a sexualidade, que parece evidenciar nas relações dos mitos e participações de Lilith nas civilizações: seja cedendo seu corpo para algum ente opositor depositar-lhes a semente que iria aterrorizar o homem; ou amaldiçoada a perder uma quantidade significativa de filhos; até mesmo tornar-se um espírito vingativo, que por não concretizar a sua maternidade plena, passa a matar os filhos recém-nascidos de mulheres que também são perturbadas por sua presença; a motivação de assumir formas humanas e híbridas com o intuito de seduzir os homens na vida real, nos sonhos, com sede de ter relações sexuais, com a finalidade de procriar sua prole de demônios femininos e masculinos, etc.

Contudo, a Lilith de Octavia estava cansada dos estigmas demoníacos a quem era alocada, e renasceu com um propósito, um destino crucial, não só para si, mas para a nova

²¹ *Ooloi* (manipulador genético) nascido humano.

raça híbrida e os humanos despertados. Era uma oportunidade de reconciliação com a história, com o seu nome, com o seu papel atuante em uma nova trama, com outros personagens que parecem não perder a oportunidade para repetir os crimes antigos à ela atribuída, em alusão a Lilith, enquanto signo fonte/original da história da humanidade, que permanece tão presente nessa distopia de Octavia, na qual todos fazemos parte.

Considerações finais

Este ensaio procurou interligar as contribuições do campo teórico das Ciências das Religiões em relação a proposta deste artigo: o estudo de Lilith como símbolo cultural. Para isso, fizemos uma retrospectiva quanto ao conceito, objeto, método e desafio na afirmação do fazer Ciências das Religiões. Em seguida, discutimos sobre alguns conceitos de Religião e sua afirmação na história cultural das civilizações. E por fim, os diálogos culturais propostos por esta Lilith que fazem parte de dois universos, o religioso e o literário, no qual a metodologia de análise intersemiótica atua como uma técnica para o estudo interpretativo da construção deste símbolo de Lilith. Tal método não atua numa perspectiva denotativa, com seus respectivos rigores comprobatórios, mas quanto ao debate ou estratégias intersemióticas percebidas e que servem de elementos para aliar-se com a concepção interpretativa, também objeto das Ciências das Religiões, incorporado especialmente na inserção de símbolos e mitos. Faz parte do percurso dos conhecimentos religiosos, entender ou perceber como estas reflexões moldam os saberes culturais presentes no direcionamento ou preservação de certas posturas sociais.

Procuramos apontar caminhos que desvendasse quem é a Lilith Iyapo, personagem da obra de ficção científica distópica *Xenogenesis* de Octavia Estelle Butler. O intuito foi demonstrar, por meio do diálogo da Intersemiótica, de que maneira esta ficção literária encontra-se nitidamente referenciada no mito da personagem que rege certas narrativas religiosas do âmbito judaico-cristão, denominada de Lilith.

O objeto da religião procurou interligar a ficção de Lilith, em razão da multiplicidade de crenças religiosas oriundas do processo de absorção e transformações culturais ao longo do tempo, que constituem o núcleo de um dos principais focos do estudo das Ciências das Religiões. Especialmente nas atuações culturais, que ocorriam esse desenvolvimento do que pode ser denominado de religião, comprovando o quanto a mesma teve profunda relação com a história do desenvolvimento humano e suas postulações sociais, políticas e ademais.

Sendo assim, desse composto cultural, do qual a religião também é seu regente, extraímos o mito daquela que é peça-chave do nosso estudo: Lilith. Tal personagem encontra-se inserida no âmbito religioso, histórico, mitológico e literário que permitiram adentrar em um campo de discurso e de símbolos que nomeiam as várias características comportamentais desta Lilith.

Já a distopia representou uma forma de apresentação de um mito renovado no fazer literário de Octavia, onde as características desse gênero demarcam a forma de mundo apresentado, inserção de personagens marginais e subversivos, como podemos ou não superar os problemas que conduzem a humanidade a destruir a si e ao próximo. A ótica de entender este *universo de Lilith* como mecanismo de tradução, foi importante para vislumbrar a extensão de diálogos, símbolos e significados residentes nesta Lilith octaviana.

Encerramos este artigo com a proposta inicial de buscar novas chaves hermenêuticas que propiciem discussões epistemológicas na área das Ciências das Religiões à procura de um caminho que nos conduzisse a compreender a identidade, características, escolhas e aproximações da Lilith negra-híbrida de Octavia Estelle Butler e sua homônima judaico-cristã, convictos de que existirão mais perguntas e trilhas a serem percorridas na busca de entender

as mensagens, discursos e significados do ser feminino, existentes na trilogia de ficção científica distópica *Xenogenesis* presentes na cultura visual marcada pela religião.

Referências

BIGGS, Mark Wayne. *The Case of Lilith: 23 Biblical Evidences Identifying the Serpent as Adam's First Wife in Genesis*. Samson Books, 2010. Disponível em: <http://bitterwaters.com/files/The_Case_for_Lilith_pb87_Refl.pdf>. Acesso em: 30 abr 2018.

BUTLER, Octavia Estelle. *Lilith's Brood* (versão epub). New York: Grand Central Publishing Hachette Book Group USA, 2000.

_____. *NPR ESSAY - UN RACISM CONFERENCE*. Disponível em: <<http://www.npr.org/programs/specials/racism/010830.octaviabutleressay.html>>. Acesso em: 30 abr 2018.

_____. *Ritos de Madurez* (Xenogénesis II- versão epub). Tradução Luiz Vigil. 1988. Disponível em: <<http://copiapop.com/isaiasgarde/ciencia-ficcion-terror-18638/butler-octavia-xenogenesis-02-ritos-de-madurez,47543.epub>>. Acesso em: 30 abr 2018.

CORNELLI, Gabriele. *O pitagorismo como uma categoria historiográfica*. 1ª edição. Portugal: Classica Digitalia/CECH, 2011.

FROWDE, Henry. *The Original Hebrew of a portion of Ecclesiasticus*. Londres: Editora Oxford University Press Warehouse, 1897.

GIACHETTI, Tânia Cristina. *Línguas faladas pelos judeus*. Disponível em: <http://www.searaagape.com.br/estudosjudaicos_linguahebraicaearamaica.html>. Acesso em: 07 abr 2018.

GOMES, Vinícius Romagnolli Rodrigues e ANDRADE Solange Ramos de. *Um retorno aos mitos*. Campbell, Eliade e Jung. Anais do II Encontro Nacional do GT História das Religiões e Religiosidades. Revista Brasileira de História das Religiões – ANPUH, v. 1, n. 3. Maringá PR, 2009. Disponível em: <<http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pub.html>> . Acesso em: 30 abr 2018.

HOCK, Klaus. *O que é religião? In: Introdução à Ciência da Religião*. São Paulo: Editora Loyola, 2010.

LARAIA, Roque de Barros. *Jardim do Éden revisitado*. Revista de Antropologia, vol. 40, nº 1. São Paulo, 1997. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-77011997000100005>. Acesso em: 30 abr 2018.

McCAFFERY, Larry e McMENAMIN, Jim. *An interview with Octavia Estelle Butler. In: Across the Wounded Galaxies* (p. 54-70). Disponível em: <<http://faculty.weber.edu/vramirez/Octavia%20Butler.PDF>>. Acesso em: 30 abr 2018.

MESQUITA, Roberto Melo. *Gramática da Língua Portuguesa*. 10ª edição. São Paulo: Saraiva, 2009.

MORLA, Victor. *Los manuscritos hebreos de Ben Sira*. Traducción y notas. Asociación Bíblica Española. Institución San Jerónimo. Editora Verbo Divino. Disponível em: <<http://www.verbodivino.es/hojear/3190/los-manuscritos-hebreos-de-ben-sira.pdf>>. Acesso em: 30 abr 2018.

NETO, Antonio Lazarini. *MESSIAS EXORCISTA: COMBATE AOS ESPÍRITOS IMUNDOS E A ESTRUTURA DO EVANGELHO DE MARCOS* (Exegese de Mc 1.21-28). Universidade Metodista de São Paulo. Programa de Pós Graduação em Ciências da Religião. São Paulo, 2006. Disponível em: <<http://tede.metodista.br/jspui/handle/tede/358>>. Acesso em: 30 abr 2018.

NISKIER, Arnaldo. *Zohar- A alma da Cabala*. Revista Brasileira Separata. Academia Brasileira de Letras. Ano, XVII, nº 69, 2011. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/abl/media/SEPARATA%20-%20Zohar%20-%20Arnaldo%20Niskier%20-%20RB69%20-%20PARA%20INTERNET.pdf>>. Acesso em: 30 abr 2018.

NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza. *Religião e Linguagem*. abordagens teóricas interdisciplinares. Coleção Sociologia e Religião. São Paulo: Editora Paulus, 2015.

NOGUEIRA, Carlos Roberto F. *As Companheiras de Satã*. o processo de diabolização da mulher. Revista Espacio, Tiempo y Forma. Serie IV, H." Moderna, t. IV, págs. 9-24. 1991. Disponível em: <<http://e-spacio.uned.es/fez/eserv.php?pid=bibliuned:ETFSerie4-EI2A8A9E-1756-F998-CCBC-A4306438ECIB&dsID=Documento.pdf>>. Acesso em: 30 abr 2018.

NUNES, Padre Flávio. *Angeologia*. Instituto Teológico Gamalieh. Disponível em: <<http://atalaias.produtoraalphanet.com.br/admin/download/arquivos/Angelologia.pdf>>. Acesso em: 07 maio 2017.

O'CONNELL, Mark e AIREY, Raje. *Almanaque ilustrado dos símbolos*. Tradução: Débora Ginza. São Paulo: Editora Escala, 2011.

ORR, Gili. *The medieval Apha Beta de Ben Sira I ["Rishonall]: A parody on Rabbinic literature or a Midrashic commentary on ancient proverbs?* Disponível em: <<http://dare.uva.nl/cgi/arno/show.cgi?fid=142492>>. Acesso em: 10 set 2017.

PEIRCE, Charles Sanders. *Semiótica e Filosofia*. introdução, seleção e tradução de Octanny Silveira da Mota e Leonidas Hegenberg. São Paulo: Editora Cultrix e Editora da Universidade de São Paulo USP, 1975.

PETERS, F. E. *Termos Filosóficos Gregos*. Um Léxico Histórico. Tradução Beatriz Rodrigues Barbosa. 2. ed. Lisboa: Editora Fundação Calouste Gulbenkian, 1983.

PLAZA, Júlio. *Tradução Intersemiótica*. 1ª edição. São Paulo: Editora Perspectiva, 2003.

RICOEUR, Paul. *Do texto à ação - A imaginação no discurso e na ação*. Ensaio hermenêutica II. Portugal: RES-Editora, Ltda., 1989, p. 23,24,25.

_____. *Percurso do reconhecimento*. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

_____. *Tempo e Narrativa – 2. A configuração do tempo na narrativa de ficção*, Trad. Márcia Valéria Martinez de Aguiar. São Paulo: Martins Fontes, 2010, p.29.

ROBLES, Martha. *Mulheres, mitos e deusas: o feminino através dos tempos*. São Paulo: Editora Aleph, 2006.

RYBOLT, John E. *Sirácida*. In: BERGANT, Dianne e KARRIS, Robert J. Comentário Bíblico II: Profetas posteriores, Escritos e Livro Deuterocanônico. Tradução: Bárbara Theoto Lambert. 3ª edição. São Paulo: Editora Loyola, 2001.

SANTAELLA, Lúcia. *O que é Semiótica?* Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

SICUTERI, Roberto. *Lilith- A lua negra*. Tradução: Norma Telles e J. Adolpho S. Gordo. 3ª edição. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1987. Disponível em: <http://recantobrianna.com.br/wpcontent/uploads/2015/09/Lilith_A_Lua_Negra.pdf>. Acesso em: 28 abr 2018.

SILVA, Alexander Meireles da. *A REDENÇÃO DE LILITH: O CORPO FEMININO COMO ESTRATÉGIA TRANSGRESSORA NA FICÇÃO DE OCTAVIA E. BUTLER*. In: MILANEZ, Nilton e GAMA-KHALIL, Marisa Martins (Org). *Literatura de Horror e Corpo*. Revista Eletrônica de Estudos do Discurso e do Corpo. Volume 1. Número 02. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Vitória da Conquista, Bahia, 2012. Disponível em: <<http://periodicos.uesb.br/index.php/redisco/article/viewFile/1289/1185>>. Acesso em: 30 abri 2018.

The Sepher Zohar or The Book of Light. Originalmente publicado em "The Word", editado por H.W. Percival. Theosophical Publishing Company [1900-14]. New York. Disponível em: <<https://sanctuaryinterfaith.org/wp-content/uploads/The-Sepher-Ha-Zohar.pdf>>. Acesso em: 21 abri 2018.

THOMPSON, Reginald Campbell. *The devils and devil spirits of Babylonia: being Babylonian and Assyrian incantations against the demons, ghouls, vampires, hobgoblins, ghosts, and kindred evil spirits, which attack mankind*. 1903. Disponível em:<https://archive.org/stream/devildevilspirit01thomuoft/devildevilspirit01thomuoft_djvu.txt>. Acesso em: 30 abr 2018.

Unidade de Interação e Aprendizagem 1 | UIA 1- Aula 4 | Literatura Infantojuvenil: Características e Abordagens. In: Manual de LITERATURA INFANTOJUVENIL (EAD). Centro Universitário IESB. 2016. Disponível em: <https://iesb.blackboard.com/bbcswebdav/institution/Ead/_disciplinas/EADG370/nova/files/impresso/UIA1.pdf>. Acesso em: 30 abr 2018.

ZUCKERMANN, Ghil'ad. *Language contact and Lexical Enrichment in Israeli Hebrew*. New York: Editora Palgrave Macmillan, 2003.